

CRÔNICAS DE JERUSALÉM:

O DIÁRIO ILUSTRADO DE GUY DELISLE NA TERRA SANTA

Chronicles of Jerusalem: The illustrated diary of Guy Delisle in the Holy Land

Cristine Fortes Lia

Daniel Clós Cesar

Resumo

Este artigo tem como objetivo abordar as três religiões monoteístas: Cristianismo, Islã e Judaísmo, na perspectiva de Guy Delisle em seu diário gráfico “Crônicas de Jerusalém”. Busca, por meio da análise das imagens do cartunista canadense, analisar, como o ocidente enxerga os costumes religiosos, celebrações, vestuário e cotidiano das três religiões monoteístas que dividem espaço geográfico “sagrado” de forma intensa em Jerusalém e observar seu uso no ensino de História das Religiões. O retrato de Jerusalém construído por Delisle, ainda que dá perspectiva de alguém que observa in loco, não difere muito daquela apresentada na mídia contemporânea a respeito da Terra Santa, sendo adicionadas apenas algumas pequenas linhas artísticas de uma observação particular do autor.

Palavras-chave: Quadrinhos. Monoteísmo. Jerusalém.

Abstract

The aim of this article is to embrace the three monotheistic religions: Christianity, Islam and Judaism, from Guy Delisle’s perspective in his graphical diary “Chronicles of Jerusalem”. It searches, through the images analysis of the Canadian cartoonist, to analyze how the West sees religious customs, celebrations, clothing and daily life of the three monotheistic religions that divide the "sacred" geographical space intensively in Jerusalem, and to observe its use in teaching History of Religions. The picture of Jerusalem built by Delisle, even from the perspective of someone who observes in loco, is not very different from that presented in contemporary media regarding the Holy Land, being added only some small artistic lines of a particular author's lookout.

Keywords: Comics. Monotheism. Jerusalem.

Considerações Iniciais

Nas últimas décadas, os estudos sobre ensino de História das Religiões têm encontrado um maior espaço nas salas de aula de História. Abandonando aos poucos e com

velocidade bastante reduzida a capa de uma temática de menor importância e interesse entre historiadores.

A quantidade de publicações em torno do tema ainda é bastante incipiente no campo da historiografia brasileira, e ainda se utiliza de muitos conceitos da sociologia, antropologia e filosofia que se encontram em estágios mais avançados e aos poucos deixando de ser apenas “ilustrativa na compreensão dos processos sociais”¹ para se tornar relevante em sala de aula.

Por outro lado, a produção de artigos acadêmicos e livros sobre o uso de histórias em quadrinhos em sala de aula e sua importância na educação têm sido frequentes. Um número considerável de material é publicado anualmente, dando suporte a professores e estudantes para fazerem uso desta arte como fonte (inclusive historiográfica) para a produção de material de ensino e inspiração para discussões e problemas.

O objetivo aqui é juntar essas duas temáticas, ensino de história das religiões e histórias em quadrinhos, para analisar a última publicação² do cartunista canadense Guy Delisle. Seu diário ilustrado realizado durante um ano na cidade de Jerusalém é uma proposta excelente para utilizar em sala de aula para o ensino de história das religiões, pois, parte de uma pessoa que não tem como objetivo explícito, tomar partido entre as diferentes sociedades e culturas religiosas que dividem espaço geográfico e espiritual na cidade santa, mas fazer uma descrição gráfica do cotidiano na cidade que é sagrada para as três religiões monoteístas.

Delisle foge um pouco, pelo menos em sua obra, da ótica ocidental, que como afirma Armstrong: “tem como hábito desconfiar do cerimonial religioso, vendo-o como pura mistificação”³. Ele, talvez por sua busca por conteúdo para seu diário, mergulha nas cerimônias, participa delas e faz críticas com tom de humor e não de reprovação e descrença. Seu texto visual ao mesmo tempo afasta e aproxima as diferentes culturas que compartilham Jerusalém. Tudo depende de onde e como o escritor vê uma situação, como a descreve e como o leitor a interpreta. As críticas são lançadas para todos os lados, a sinais de aprovação e reprovação para todos que o cercam, judeus, muçulmanos, cristãos, dando ao

¹ LIA, Cristine Fortes. *História das religiões e religiosidades: contribuições e novas abordagens*. Aedos. Porto Alegre, n. 11, vol. 4, p. 549-563, set. 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/Imagem/Downloads/31208-129503-1-PB%20(1).pdf>. Acesso em: 1 de ago. 2014.

² DELISLE, Guy. *Crônicas de Jerusalém*. Campinas: Zarabatana Books, 2012.

³ ARMSTRONG, Karen. *Jerusalém: uma cidade, três religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

leitor uma oportunidade de, fazendo uma leitura dos textos e das imagens, criadas por uma “pessoa comum”, desenhar também o seu retrato ilustrado de Jerusalém.

Um turista canadense

Após um ano morando em Jerusalém acompanhando sua esposa, administradora da organização internacional Médicos Sem Fronteiras, o canadense Guy Delisle apresenta ao mercado editorial de histórias em quadrinhos mais um de seus diários ilustrados (anteriormente já havia publicado *Crônicas Birmanesas* (2008), *Shenzhen*, uma viagem à China (2006) e *Pyongyang*, uma viagem à Coreia do Norte (2005), todos publicados no Brasil pela Zarabatana Books).

As crônicas de Delisle não são crônicas históricas, seu texto não tem compromisso com nenhuma escola historiográfica. Seu relato neste livro é um diário ilustrado de seu cotidiano na cidade de Jerusalém, que vão desde escolher entre fazer ou não compras em um supermercado localizado em uma colônia judia em território palestino ao local onde irá residir.

Seu texto é repleto de notas explicativas e subdivide-se em breves anotações sobre os mais diversos temas do cotidiano de Jerusalém como: festas judaicas, soldados nas ruas, o muro que divide o estado israelense do palestino etc. Ainda que não seja direto, Guy Delisle não se priva de comentários, em geral carregados de sarcasmo, que são significativos para ilustrar a imagem construída por ele de Jerusalém, como quando vai visitar um monastério cristão construído no século V⁴ (Figura 1) e o encontra fechado, bate na porta e do outro lado alguém pergunta: “Você é de onde?” Sua resposta é objetiva: “Canadá”, mas por de trás da objetividade de sua resposta há uma série de conceitos pré-estabelecidos a respeito dos canadenses. Ela então é seguida de um pensamento que talvez seja comum no mundo ocidental: “O mundo todo gosta dos canadenses”. Mas que talvez não faça nenhum sentido para um asiático.

Este mesmo recurso quanto a sua nacionalidade que supostamente lhe atribui imparcialidade de julgamento, Delisle utiliza quando um muçulmano questiona sua nacionalidade e acusa os canadenses de não gostarem dos muçulmanos por causa das charges feitas do profeta Maomé⁵, referindo-se ao episódio das charges publicadas em

⁴ DELISLE, 2012, p. 290.

⁵ DELISLE, 2012, P. 272.

jornais dinamarqueses no ano de 2005. Seus argumentos são de que foram os dinamarqueses que fizeram os desenhos, e que eles é que são “maus”, não os canadenses “que habitualmente são bastante agradáveis”.



Figura 1 – Delisle visita monastério cristão construído no século V na cidade de Belém na Cisjordânia.
Fonte: Crônicas de Jerusalém – pág. 290.

Essa imparcialidade subjetiva de Delisle pode ser vista no seu texto, tanto gráfico como escrito. Em seu prefácio ao livro *Fagin, o judeu*, o grande Wil Eisner afirmava que “o estereótipo é uma ferramenta essencial na narrativa dos quadrinhos”⁶. Eisner faz essa avaliação após perceber como o judeu e o negro eram retratados nas tiras de jornal e histórias em quadrinhos no início do século XX, fazendo uma leitura posterior a seu trabalho onde reconheceu que, apesar de suas histórias serem bem construídas e serem concebidas como entretenimento, “elas alimentavam o preconceito racial”⁷.

No entanto não é isso que se vê em *Crônicas de Jerusalém*, Delisle apresenta um traço que não esboça estereótipos, o seu retrato de judeus, muçulmanos e cristãos é o mesmo. A ênfase de Delisle a diferenciação entre os diferentes é o vestuário, a alimentação, as festas e as moradias, o que em alguns casos aproxima e não afasta as diferentes culturas representadas em Jerusalém. É normal vê-lo retratando os habitantes de Jerusalém com vestuário ocidental, como camiseta e calças, assim como a convivência turbulenta e pacífica entre judeus, muçulmanos e cristãos.

⁶ EISNER, Will. *Fagin, o judeu*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

⁷ EISNER, 2011, p. 3.

Suas imagens e cenários são construídos a partir de visitas aos locais retratados. O que torna Delisle não apenas um turista, mas um observador, o que é enriquecido pelo fato de que sua estada em Jerusalém não ser de apenas uns poucos dias, mas sim com um tempo suficiente, pouco mais de um ano, para que ele possa vivenciar o cotidiano, os hábitos e costumes dos hierosolimitanos. Peculiaridades que enriquecem sua obra, que é repleta de “notas explicativas” em formato de quadrinhos, como uma busca do próprio autor em compreender Jerusalém e as vicissitudes da vida de seus cidadãos.

Crônicas de um lugar peculiar para um ensino peculiar

Jerusalém é a cidade onde talvez aconteçam os maiores contrastes do mundo contemporâneo. É impossível fazer uma leitura desta cidade sem encontrar no autor, me referindo a colonistas e jornalistas, um posicionamento político e até religioso quando tratam da cidade sagrada para os monoteístas.

Jerusalém é uma cidade com uma história, como afirma Armstrong, “não raro trágica (...) arrasada e reconstruída.”⁸ Desde o início do movimento sionista na década de 1940 Jerusalém é o centro das discussões entre árabes e israelenses. Em 1967, após a conhecida Guerra do Seis Dias, Israel anexou territórios da Síria, Jordânia e Egito, mas nenhum deles fora significativamente e mais que simbolicamente importante que Jerusalém, que tornou-se imediatamente capital do estado israelense.

Em um breve relato que Karen Armstrong faz daquele, 7 de julho de 1967, pode-se perceber a importância da cidade para os judeus que não é distante do sentimento dos muçulmanos que chamam a derrota daquele dia de al-nakhbah, um termo utilizado para nomear uma catástrofe de proporções inimagináveis:

Jovens paraquedistas seculares agarraram-se às pedras e choraram, enquanto outros, em estado de choque, não conseguiam se mover. Quando o rabino Goren tocou o chofar e se pôs a entoar salmos, oficiais ateus se abraçaram, e um jovem soldado sentiu vertigens e um ardor em todo o coração. (...) O acontecimento evocou todas as experiências usuais do espaço sagrado. O Muro era não só um lugar histórico, mas também um símbolo que tocava a própria essência da identidade judaica de cada combatente.⁹

As reações dos militares israelenses naquele verão palestino de 1967 mostram uma proporção muito diferente em relação ao espaço geográfico sagrado das “ilustrações” que

⁸ ARMSTRONG, 2011, p. 449.

⁹ ARMSTRONG, 2011, p. 482.

são representadas nos livros didáticos de História. A religião, ainda que para homens não religiosos, é o centro de suas vidas, o estado de Israel e o movimento sionista buscam na religião judaica seus aportes ideológicos para a ocupação do território.

A questão palestina e a ocupação da Jerusalém Velha pelos israelenses, são temas contemporâneos que estabelecem uma relação clara e bastante profunda entre a religião e o cotidiano, mesmo em relação a um estado laico, como é constitucionalmente Israel. No entanto, tem sido bastante comum, principalmente na mídia, apresentar as questões da região distanciadas da religião, relegando-a a um papel menos importante, ou apenas destacar uma religião em especial como forma de depreciação e desvalorização frente as outras representadas no mesmo espaço.

Jerusalém é um tema contemporâneo. A cidade com milênios de existência é também a cidade mais comentada e estudada. Ela não é apenas a mais sagrada para as três maiores religiões do mundo, ela é cobiçada por todas elas, inclusive militarmente. O significado da cidade ultrapassa o explicável quando, um menino recém catequizado no cristianismo romano em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul ou das Filipinas, cria vínculos com uma cidade totalmente desconhecida que se tornou parte da sua cosmovisão pelos vínculos profundos com sua profissão Fé.

Jerusalém é um tema inesgotável. A convivência entre muçulmanos, judeus e cristãos em uma espaço que não é apenas geográfico, mas sagrado, abre um leque de possibilidades de estudos antropológicos, sociológicos, históricos e religiosos como talvez nenhum outro. As contradições de Jerusalém dão por si só fecundidade a um sem número de leituras e interpretações e que, diferente do que a grande mídia afirma, ser um local de confusão e de situação catastrófica, é sim um rico cenário para a discussão, compreensão e aprofundamento de professores e alunos no ensino de história das religiões.

A Jerusalém de Delisle

Guy Delisle não produz um trabalho original no sentido de ineditismo. Ele é fruto de uma ascensão do mercado editorial internacional de histórias em quadrinhos e seu trabalho vem na esteira de obras como a de Joe Sacco, um jornalista e cartunista maltês que começou a produzir na década de 1990 uma série de reportagens em quadrinhos sobre os conflitos entre palestinos e israelenses e sobre a guerra da extinta Iugoslávia.

O próprio trabalho de Joe Sacco, considerado o criador do jornalismo em quadrinhos, é fruto de publicações como a de Art Spiegelman, um cartunista sueco de origem polonesa que recebeu o Pulitzer em 1992 por sua obra *Maus*, inicialmente produzida em dois volumes, 1986 e 1991 respectivamente. Seu livro é uma biografia de seu pai, Vladek Spiegelman, um judeu polonês que foi preso durante a Segunda Guerra Mundial e enviado ao campo de concentração de Auschwitz.

A diferença de seu trabalho talvez seja uma busca por constante por imparcialidade, o que pode ser notado constantemente nas resenhas de colunistas a respeito de seu livro. Enquanto Spiegelman cria estereótipos definidos para seus personagens, ratos, porcos e gatos; e Sacco adentra a Faixa de Gaza para ouvir dos palestinos sua versão do conflito, Delisle parece não ligar para isso, pelo menos não em sua história em quadrinhos.

Seu comportamento é muito semelhante ao de um turista que irá passar muito tempo no local. No entanto, Delisle não utiliza nenhum serviço de tour local para conhecer os lugares sagrados de Jerusalém. Ele visita locais frequentados por judeus, muçulmanos e cristãos querendo entender o que eles fazem ali, o que comem, o que vestem. Mostra desconhecimento e usa isso a seu favor, quando por exemplo em seu capítulo sobre o Yom Kippur, em que afirma que pensava ser uma guerra, e não uma festa judaica¹⁰. (Figura 2)

A leitura que o autor faz da comunidade de Jerusalém é bastante real. Ela é cotidiana. Sua visita é pelo desconhecimento que o Ocidente tem em relação a região. A surpresa do autor frente a ações e hábitos dos habitantes locais, parece ser fruto de uma disseminação do imaginário criado, principalmente pela mídia, sobre o que é Jerusalém. A imagem de lugar extremamente perigoso, pouco desenvolvido e de pessoas pouco amigáveis, é desconstruída por Delisle ao levar seus filhos para brincar em parquinhos compartilhados por judeus e muçulmanos, ou passear pelo centro comercial da cidade nova ou pelas praias do Mediterrâneo.

O conflito entre o que Delisle conhece de Jerusalém e o que ele descobre em relação a cidade está em todo seu livro. Seus diálogos ilustrados privilegiam a descoberta do novo, seus quadrinhos são ricos em detalhes como frases e placas dispostas pela cidade. Suas descobertas são muitas vezes seguidas de pequenos “documentários em quadrinhos”, onde faz um breve histórico do evento ou hábito e questão. Documentários esses que são

¹⁰ DELISLE, 2011, p. 78.

diferenciados da narrativa entre passado e presente, quando o autor altera as cores, utilizando o preto e branco para sua narrativa contemporânea e o sépia para aquilo que considera um relato histórico do passado de Jerusalém.



Figura 2 – Explicando o Yom Kippur
Fonte: Crônicas de Jerusalém – pág. 78.

As imagens de seus passeios por Jerusalém, ainda que de traço bastante simples, são sempre repletos de detalhes e significados. A cada novo curto diálogo de quadrinhos, Delisle faz questionamentos e reflete sobre eventos e hábitos como alguém que não deseja explicar nada, mas entender a cidade e seus moradores. Como sua sugestão de brinquedos mais “educativos” que as armas de plástico presenteadas as crianças após o Ramadã, ou como é possível sua vizinha sobreviver a uma grande temperatura debaixo de tantas peças de roupa¹¹.

A Jerusalém de Delisle é ilustrada, seu texto escrito, que algumas vezes é suprimido, só faz sentido acompanhado da imagem, logo, a análise da imagem nos quadrinhos de Crônicas de Jerusalém é fundamental para entender o ponto de vista do autor, pois como propõe Ulpiano Meneses, imagem é “fonte de informação” e é necessário fazer “indagações sobre a percepção do potencial cognitivo da imagem para compreendermos como ela tem

¹¹ DELISLE, 2011, p. 69.

sido explorada”¹². Isto é importante para procurarmos entender o que chama a atenção de Delisle em seus passeios investigativos na cidade Jerusalém.

Imediatamente, o que se percebe é que não existe uma linha conceitual ou ideológica nos quadrinhos de Delisle. O autor parece mesmo querer desenhar um diário de campo, ainda que o contexto político de Jerusalém o coloque em situações que, por estar vivendo entre os locais, não pode ser ignorado, mas que é explorado de forma caricata e sarcástica, como quando descobre que a imigração israelense classifica turistas conforme seu “grau de periculosidade”¹³.

Mas ainda que seu traço seja simples mas rico em detalhes e seu texto seja bastante detalhado, Delisle não consegue dar uma imagem real de Jerusalém, e nem poderia, pois como afirma Cardoso e Mauad: “A relação do ícone com o objeto que representa ou substituí nunca é completa, e sim parcial (...)”¹⁴. No entanto, o que Guy Delisle oferece ao leitor, é extremamente rico por sua diversidade, ao tratar de assuntos que aparentemente são desconexos, mas que encontram aproximação e estabelece-se relações com as religiões majoritariamente representadas em Jerusalém.

Judeus, muçulmanos e cristãos

É a cidade sagrada dos monoteístas. Para os judeus é a capital eterna de Israel, local onde foi construído o Templo de Salomão; para os muçulmanos foi ali que ascendeu ao Paraíso o profeta Maomé, o fundador do Islã. Para os cristãos, Jerusalém é o local da morte e ressurreição de Jesus Cristo, o ápice da fé cristã. Mas distante de um lugar sagrado ser um lugar de “paz e harmonia” entre os diferentes credos, Jerusalém é um lugar de constante conflito religioso.

Crônicas de Jerusalém não é um texto alienado a isso, pelo contrário, trata-se de uma história em quadrinhos repleta de símbolos, histórias, hábitos e festas religiosas. Mais de uma dezena de pequenas explicações ilustradas de eventos como a ascensão de Maomé,

¹² MENESES. Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, ANPUH/Humanitas Publicações, vol. 23, nº 45, p. 11-36, 2003.

¹³ DELISLE, 2011, p. 207.

¹⁴ CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínio da História: ensaios de teoria e metodologia*. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 401-417.

ou a ocupação da Cúpula da Rocha nos seus mais de mil anos de existência ou ainda as origens da ocupação do espaço geográfico da atual cidade.

Delisle procura em seu texto não tomar uma posição em relação a política de Jerusalém. Mas não pode ficar alheio ao conflito, quando por exemplo, em dezembro de 2008, quando Israel iniciou a “Operação Chumbo Fundido”, que também ficou conhecida como “Massacre de Gaza”, onde aproximadamente 1400 palestinos e 13 israelenses morreram em 22 dias de conflito.

Deste evento, Delisle faz um diário quase diário do início ao fim do conflito, mostrando os bombardeios dos dois lados, as dificuldades encontradas pela organização onde sua esposa trabalha, a Médicos Sem Fronteira, em ingressar e atender as vítimas na Faixa de Gaza e a desproporcional resposta de Israel ao ataque do Hamas com foguetes Qassam em direção ao sul do território israelense após 6 meses de trégua entre os dois estados, como pode ser visto em seu “quadro comparativo”¹⁵ do balanço de mortes dos dois lados. (Figura 3)

Outro elemento presente em mais de uma dezena de seus quadrinhos é o muro de separação entre Israel e Palestina (Faixa de Gaza e Cisjordânia). A imagem do imenso o muro permeia as ilustrações de Delisle, que o representa sempre de forma bastante imponente, com suas torres de observação e tiro que mais parecem a muralha de uma penitenciária.

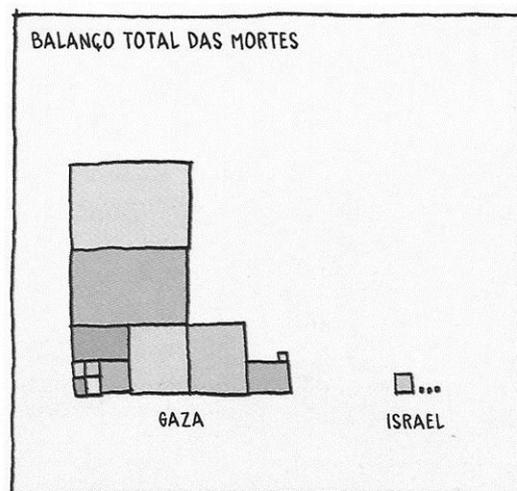


Figura 3 – Balanço Total das Mortes da “Operação Chumbo Fundido”
Fonte: Crônicas de Jerusalém – pág. 171.

¹⁵ DELISLE, 2011, p. 171.

Mas a religião está presente constantemente em seu texto. Muitos dos capítulos possuem como título o nome de festas religiosas. O autor parece ter uma preocupação não em desmistificar o evento, mas explicar o seu significado ao leitor. Como quando explica de forma muito clara mas não profundamente, a festa judaica do Purim:

“Hoje é o Purim. É uma festa que comemora a libertação dos judeus do império Persa no século V. Tradicionalmente, pratica-se o jejum, oferece-se comida aos amigos e aos pobres, lê-se uma passagem da Torá, e se usa fantasias.”¹⁶

Seus quadrinhos são ricos em descrever as festas religiosas, principalmente as judaicas. Vale lembrar que Jerusalém está sob domínio israelense e festas do Islã são muitas vezes impedidas ou atrapalhadas pelo governo de Israel, como o próprio autor relata logo no início do seu livro com a dificuldade de palestinos passarem pelos Checkpoint de Qalandiya para irem a Grande Mesquita de Jerusalém na sexta-feira de Ramadã¹⁷. Os seu relato de riquíssimas ilustrações dos sacrifícios de carneiros realizados pelo Patriarca da Igreja Cristã Ortodoxa de Jerusalém na véspera da Páscoa ou a pouca amistosa recepção feita por judeus ortodoxos a visita do Papa da Igreja Cristã Romana, Bento XVI, a cidade de Jerusalém em 2009.

Entre as explicações das festas há também as explicações quanto ao vestuário e a alimentação dos locais. E se em livros didáticos de História a religião aparece como algo anômalo ao cidadão não religioso, Delisle mostra o contrário, quando em um passeio no parque com seus filhos em dias que antecediam a Pessach, tenta comprar sorvete mas é impedido por haver fermento na casquinha¹⁸ (Figura 4), mesmo sendo ele um cristão e estrangeiro em Jerusalém.

O autor também não põe em dúvida o credo dos religiosos, ainda que até certo ponto o trate como algo exótico, Delisle limita-se a fazer apenas uma descrição do acontecimento, como o faz com a “pequeno milagre” que acontece no interior do Santo Sepulcro quando o Patriarca da Igreja Ortodoxa Grega entra no túmulo de Cristo com 333 velas apagadas e sai da lá com elas milagrosamente acesas¹⁹. Ou ainda quando descreve os

¹⁶ DELISLE, 2011, p. 210.

¹⁷ DELISLE, 2011, p. 39.

¹⁸ DELISLE, 2011, p. 238-239.

¹⁹ DELISLE, 2011, p. 250.

rituais e a busca pela 10ª novilha vermelha que permitirá aos judeus retomar a monte do templo e reconstruir o terceiro templo.²⁰

Seus comentários são apenas inserções cômicas ou trocadilhos de humor que não necessariamente apontam seu pensamento em aprovação ou reprovação ao evento, ou de crença ou descrença naquilo que ele vê e retrata, mas sim como um quase “guia de curiosos” frente as suas novas descobertas na cidade das três religiões. Delisle parece deixar ao leitor o trabalho de interpretar aquilo que ele vê. Parece ser um desejo dele que seu diário de campo seja lido e interpretado. Alguém pode vê-lo como pró-palestinos por insistir algumas vezes em criticar o rigor da imigração israelense mas ao mesmo tempo pode ser lido por outra pessoa como pró-Israel por retratar em seu livro muito mais hábitos e costumes dos judeus que dos muçulmanos ou cristãos.

²⁰ DELISLE, 2011, P. 142-143.

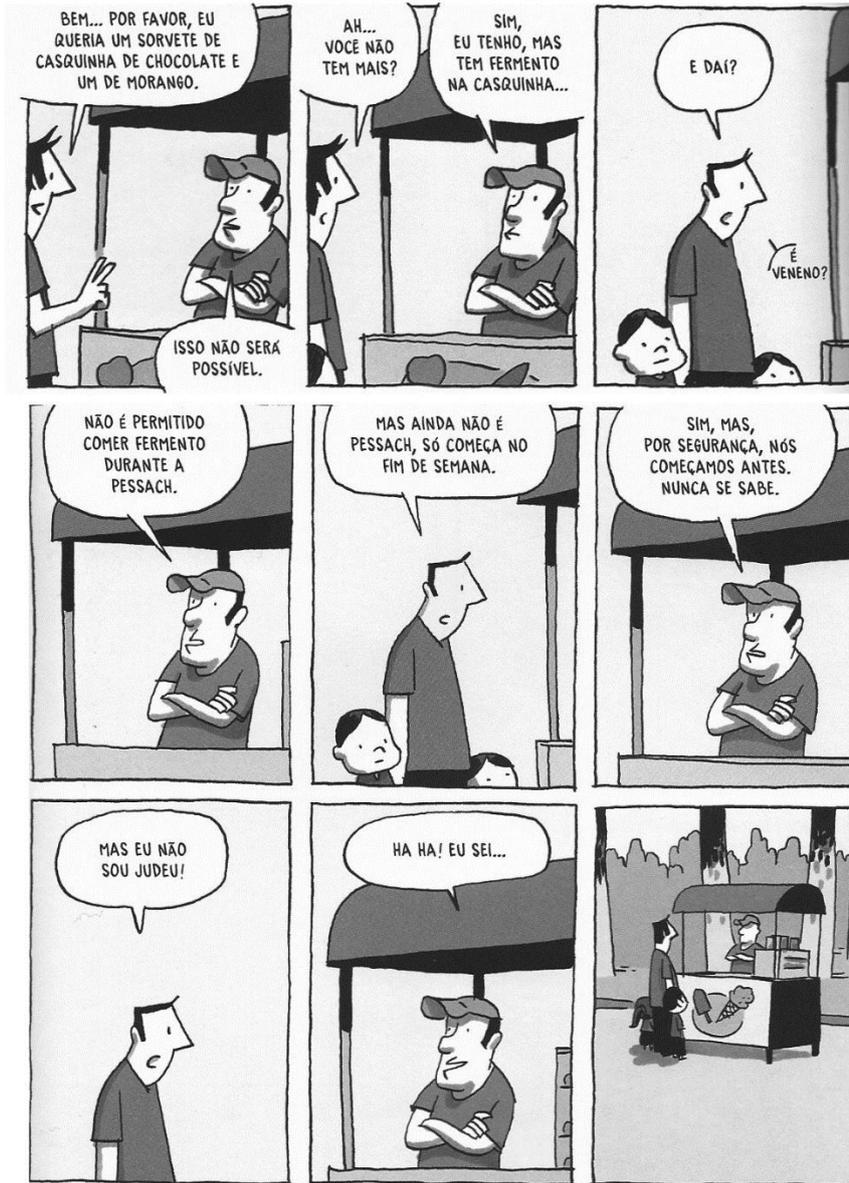


Figura 4 – Casquinha com fermento durante a Pessach
 Fonte: Crônicas de Jerusalém – pág. 238-239.

Considerações Finais

O ensino de história vem ampliando seu enfoque, nas últimas décadas, para a abordagem das religiosidades. Mais do que focar o considerado exótico, ou um apêndice desnecessário, de uma civilização, este redirecionamento busca instrumentalizar alunos e professores da área para uma compreensão mais ricas dos fenômenos do século XXI. Se por volta dos anos de 1970 existiu a crença de um avanço do ateísmo para o terceiro milênio, esta tese desconstruiu-se totalmente em 2001, com os ataques a Nova York e a crescente

relação entre a política e a religião, bem como, o aumento significativo de fieis das religiões monoteístas, em especial, do Islã.

Impossível compreender o contexto da contemporaneidade sem entender a história das religiões e religiosidades. Como explicar o conflito árabe-israelense sem caminhar com Abraão de Ur a Israel? Como pensar em política internacional sem estabelecer a relação com os fundamentalismos religiosos que norteiam as percepções de paz, de saúde e de sobrevivência do indivíduo? De que forma é possível, nestes meados de 2014, falar sobre o conflito na Faixa de Gaza sem remeter aos conceitos de judeu, árabe, muçulmano, islamita, entre outros?

Aliás, falar sobre o Oriente Médio, definitivamente, “está na moda”. Poucas vezes, a opinião pública nacional e internacional demonstrou tanta afinidade com um assunto como vem evidenciando com os temas sobre a referida região. Através de uma sobrecarga de informações fornecidas pela imprensa, os cidadãos das mais diversas regiões “engordam” suas opiniões sobre o tema.

Entrando agora no considerado seletto mundo acadêmico, mais especificamente no dos historiadores, seria possível evidenciar um desconhecimento igual ou semelhante ao acima referido. E, se um interessado sobre o assunto buscar informações, encontrará uma historiografia frágil, fragmentada e, muitas vezes, bastante tendenciosa. Além disso, o tema “está na moda” e, em função disso, o indivíduo ainda precisará de um grande discernimento para selecionar suas leituras, pois mercado editorial foi invadido de títulos sobre a região, apontando os terroristas, as mulheres discriminadas, etc. Obras que assumem um caráter científico e colaboram para formar uma opinião (e não um esclarecimento) sobre o assunto.

É possível para o público desinformado ou para o historiador interessado “enxergar” o Oriente Médio além do petróleo e dos conflitos? O que se sabe além das bombas, do fanatismo, dos territórios ocupados ou perdidos, das intervenções, etc.? O que faziam, por exemplo, os iraquianos antes da intervenção? Esperavam os norte-americanos para iniciarem um conflito e, assim, poderem fazer parte da história?

Neste sentido retoma-se a importância da história das religiões e religiosidades, como prática de ensino que não se limita a reforço de fé, mas que é capaz de fornecer subsídios explicativos que permitam a compreensão ampla do mundo atual. Conciliada a história das religiões aparece a estratégia dos quadrinhos, já reconhecida como importante ferramenta para o ensino de temas históricos. As imagens permitem transcender o texto

escrito, construindo uma percepção e uma sensibilidade específica sobre a temática abordada.

No caso específico da Jerusalém de Guy Deslile e seu diário ilustrado do cotidiano da cidade, é possível ver além do texto histórico tradicional. As imagens reportam a uma realidade específica, não vivenciada pela maior parte do público leitor. Além disso, a narrativa impacta pela veracidade não cronológica, mas pautada em uma experiência histórica do autor; o que permite a criação de um elo entre o texto e seu leitor.

Com o recurso da imagem e da narrativa do cotidiano o público acadêmico e da educação básica podem ampliar sua compreensão sobre a região e as diferentes trajetórias religiosas e políticas que ali foram e são vivenciadas. A leitura da obra permite uma experiência sensível que contribui para um entendimento diferenciado daquele proposto pelo livro didático, por exemplo, no qual a imagem apenas ilustra e, algumas vezes, remete ao erro, como nas ilustrações sobre o profeta Maomé.

Referências

ARMSTRONG, Karen. *Jerusalém: uma cidade, três religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínio da História: ensaios de teoria e metodologia*. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 401-417.

DELISLE, Guy. *Crônicas de Jerusalém*. Campinas: Zarabatana Books, 2012.

EISNER, Will. *Fagin, o judeu*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LIA, Cristine Fortes. História das religiões e religiosidades: contribuições e novas abordagens. *Aedos*. Porto Alegre, n. 11, vol. 4, p. 549-563, set. 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/Imagem/Downloads/31208-129503-1-PB%20(1).pdf>. Acesso em: 1 de ago. 2014. MACKENZIE, John. L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, ANPUH/Humanitas Publicações, vol. 23, nº 45, p. 11-36, 2003.